

Uma Flor no Deserto

A esfera solar, abrasadora, erguia-se por detrás de um céu empalidecido pelas areias que dançavam no ar, anunciando a tempestade que estava para chegar à Albácia, o país mais oriental da Terra Meridiana.

Nassima olhou pela janela e pensou: - “O deserto parece estar a avançar, mas o céu diz que o tempo está a mudar. ”. Nesse dia acordara cedo, pois no ventre tinha uma vida inquieta para nascer. Os dias passavam vagarosos até que, intempestivamente, aconteceu o milagre que trouxe luz e sombras aos pensamentos da jovem Mãe. Nasceu Raissa, uma linda menina de olhar indagador, mas de corpo frágil como uma flor. Viera ao mundo antes do tempo e, na Albácia, havia a crença de que quando uma criança nascia prematura, em noite de Eta Aquáridas, vinha com pressa para mudar o Mundo. Nassima corria para o berço para a amamentar, sempre que a ouvia chorar. Sofria, silenciosamente, pois desejava que a filha crescesse livre e feliz, mas tal seria impossível num país onde meninas e meninos não tinham direitos iguais. Poderia estudar na universidade, ter uma profissão, um cartão de cidadão e votar?

A menina cresceu, sonhadora, mas a Mãe educou-a segundo as normas e regras mantidas por Samir, o Governador da Albácia. Com o tempo, Raissa percebeu que tantas restrições representavam uma pequena gaiola para as suas ambições.

Por vezes, sonhava com a avó Zuleide, que não conhecera mas que idolatrava em virtude das histórias que a Mãe lhe contara em criança, asseverando que ela tinha respostas para todas as perguntas. Nos seus sonhos, imaginava longas conversas com ela e intrigava-a que se despedisse sempre com a mesma frase - “A perseverança é o caminho para as grandes conquistas”.

A criança indagadora e sonhadora deu lugar a uma jovem inteligente e destemida. No caminho da escola para casa, sempre acompanhada pelo Pai, fazia longas conversas com ele e partilhava as suas inquietações: - “ Será que um dia os meninos e meninas, os homens e as mulheres da Albácia terão os mesmos direitos? Podem as normas de um país ser injustas e aceites por todos sem as questionarem? A verdade não devia ser vista como relativa e transitória? ”. O Pai aconselhava-a, carinhosamente, a afastar esses pensamentos, pois não devia duvidar de normas existentes há séculos e mantidas pelo velho Governador.

Passaram sete luas cheias e Zuleide nunca mais voltou a revelar-se nos sonhos de Raissa. Este acontecimento inquietou os seus pensamentos - “Certamente, quer eu siga em

frente sozinha!”. Raissa resolveu falar com a Mãe e, em conjunto, decidiram que uma vez que no seu país as raparigas não estavam autorizadas a frequentar a universidade, iria estudar para Londrécia.

O Direito e as leis absorveram-na durante cinco anos. Após a conclusão do Curso, tornou-se ativista dos Direitos Humanos, defendendo os ideais em que acreditava - a justiça. Mas um dilema atormentava-a: “Devo continuar, livre e feliz, a viver na Londrécia ou regressar à Albácia e lutar pela igualdade de direitos, arriscando a ira de Samir?”.

Preocupada com o bem comum, decidiu regressar ao seu país natal. Samir, ao saber dos ventos de mudança que Raissa trazia consigo, deu ordem para que fosse mantida cativa em Alcabarez. Foi acusada de desobediência perante a legitimidade do Governador, ao tentar mudar as normas do país e, por isso, determinou que deveria ser punida, conforme as leis por ele estatuídas.

Mas a jovem não estava sozinha – a Amnistia Internacional desenvolveu uma campanha à escala mundial, através de um post nas redes sociais, onde contou a história de Raissa, feita prisioneira por reivindicar iguais direitos para meninos e meninas, homens e mulheres do seu país, por pedir justiça. Revoltadas, as pessoas organizaram manifestações. Tanta gente, tantos cartazes, tantas vozes ecoaram: - “Liberdade para Raissa!!”. Mas na Albácia o silêncio era ensurdecador. Ninguém ousava protestar. De todo o mundo, a “maratona de cartas” começou a chegar até Samir, pedindo a libertação da ativista dos Direitos Humanos.

Os seus conselheiros informaram-no de que Raissa solicitava uma audiência. Pressionado pela crítica mundial, mas também curioso com a capacidade que a jovem mostrara para mobilizar milhões de pessoas, Samir decidiu aceder. Na sua presença, com determinação e ousadia, Raissa expôs a sua teoria: -“Não podemos viver em harmonia sem justiça. Quando a natureza egoísta de uns lhes permite todas as satisfações pessoais ao mesmo tempo que esvazia o direito de satisfação dos outros, um ser humano passa a ser o lobo de outro ser humano. O seu povo será virtuoso por cumprir as leis, mas é preciso que as leis sejam justas. O império da lei deve proteger os Direitos Humanos, para que o ser humano não seja compelido à rebelião contra a tirania e a opressão.” O Governador era conhecido por apreciar boas conversas e ficara rendido à argumentação de Raissa.

Samir decretou, então, que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos”. Com o decorrer do tempo, Raissa testemunhou as mudanças no seu país: o igual direito de acesso ao ensino, o direito ao voto por parte das mulheres e a sua participação na vida política, a integração de atletas do sexo feminino na equipa nacional nos

Jogos Olímpicos. Esta abertura permitiu-lhe alcançar algumas conquistas ao longo da sua vida, tendo sido, ela própria, a primeira mulher Ministra da Educação, na Albânia,

Já na sua senilidade, Raissa recordava os momentos felizes que vivera, as conquistas alcançadas, a amizade de Samir que a tornara sua Conselheira, o apoio decisivo da Mãe Nassima e a força da natureza que fora a avó Zuleide, inspirando-a a seguir em frente. -” A perseverança é o caminho para as grandes conquistas”.